



# OS RIDÍCULOS

Nº 240 - 5-6-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7550



NESTE NÚMERO: POSSÍVEL, ERÓTICA SATÍRICA E BURLESCA DE BOGARD. ESTA OBRA, COM TEMAS PALAVRAS E EXPRESSIONES EVENTUALMENTE CHOCANTES.

# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Ora estavam vocês a dizer mal dos guerrilheiros argentinos... Ah, não estavam? Bom, eu cá não sei. Nem sequer sei contra que é que eles estão a lutar. Mas o que sei é que são uns gajos decentes. Ou pelo menos, parecem ser, pelo que dizem os jornais: eu vi ontem mesmo uma notícia que dizia que eles tinham libertado trinta mulheres.

Verdade verdade também não sei onde é que elas estavam presas, para eles as libertarem. Se calhar as mulheres eram giras, porque se não eles não se ralavam com elas... ou ralariam? Não sei. O que sei é que se eu tivesse por exemplo guardado a minha sogra num armazém, para ela não estar a fazer barulho lá em casa, e viessem uns guerrilheiros libertá-la, eu natural-

mente ficava bera como a ferugem.

Tenho que ir ver ao jornal quem eram as tais mulheres. Depois vos contarei, tá bem?

Os russos puseram uma nave em órbita com dois cosmonautas a bordo. Aqueles gajos qualquer dia têm mais trânsito lá em cima que o metropolitano de Sete Rios em hora de ponta. E tal

como ele parece que esta nave também faz ligação com a do Campo Grande Salyut 4 em Entrecampos.

Qualquer dia vou lá e peço uma boleia. Aquilo deve ser giro.

Parece que a Espanha está disposta a largar o Sahara. Aquilo — dizem eles — tem muita areia, e afinal para estância de turismo não serve porque é quente demais. Sahará verdade?

Afinal andam para aí a dizer mal... e vejam lá: um parlamentar espanhol sugeriu que o Governo de Franco fizesse todos os esforços para restabelecer relações diplomáticas com a União Soviética. Ora achatem lá, seus maldozentes! E a gente ainda há-de ver o generalíssimo a ir lidar os seus adversários com uma vista diplomática aquelas terras distantes. Admirem-se!



Paródia do nosso dedicado colaborador ARIM, aos genros e maridos infelizes, com sinceros votos de que a mesma se torne breve realidade.

**SOGRA MINHA, DEMÔNIO QUE PARTISTE TÃO TARDE DESTA MUNDO, FINALMENTE, REBOLA NO INFERNO ETERNAMENTE, QUE EU CÁ FICO, NA TERRA, NADA TRISTE!**

**SE LÁ, NO MEIO DO FOGO ONDE CAÍSTE, TEU VÍCIO DESTA VIDA SE CONSENTE NÃO TE PRIVAS DE VINHO E AGUARDENTE, QUE FOI COISA A QUE NUNCA TE FUGISTE!**

**E, SE VIRES QUE FALTA VAI FAZER-TE, AQUELA QUE O DESTINO ME ENTREGOU, SEM MÁGOA, O REMÉDIO VOU DIZER-TE:**

**— AO DIABO QUE, ENFIM, LÁ TE PEGOU, ROGARÁS QUE, BEM CEDO, A LEVE A VER-TE. MAS, BREVE, QUE CONTIGO DEMOROU!**

Vocês sabem o que é a Trompa de Falópio? Disparatê! Não senhor, não é nenhum instrumento de música. Ali a música é outra! E um pequeno canal que transporta os óvulos da mulher do ovário para o útero. Pois agora no Hospital da Cidade do Cabo, fez-se uma transplantação desse canal a uma mulher que era estéril e queria ter filhos. E parece que correu tudo bem. A doadora quiz conservar-se incógnita. E fez ela muito bem. Aquele canal podia muito bem chamar-se o canal que liga o útero ao agradável. E ela quiz ficar só com o agradável. Chamem-lhe parva...

Os indianos também puseram um satélite a andar à roda como a Santa Casa. Mas coitado, parece que tinha pouca estaleca, e ao fim de cinco dias ficou sem corda. Os cientistas indianos mesmo assim não ficaram muito chateados. Dizem eles que ter conseguido pôr o gajo lá em cima já foi porreiro. Agora só falta arranjar processo de os aguentar lá.

E se eles empregassem a técnica dos encantadores de serpentes? Aquilo com uma flauta a tocar talvez se aguentasse em pé como as cobras...

## OS RIBICULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

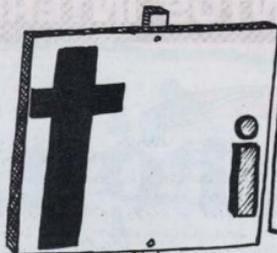
DIRECTOR  
SILVA NORBE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NORBE

Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPRENSA  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA — LISBOA



QUEREMOS  
• ABORTO  
LEGAL



# Crônicas Medievais

## A LÓGICA SUCESSÃO

EL-REI

— Senhora D. Briolanja, minha muito amada esposa: queis dizer-me porque motivo não haveis cozido os meus coturnos como vos hei ordenado?

D. BRIOLANJA

— Ora ainda bem que faleiades nisso. Ficaide sabendo que hei decidido nunca mais passar os vossos mal cheirosos coturnos. Passaide-os vós, se vos aprouver.

EL-REI

— Senhora, que desvario haveis tido na caixa dos pirolitos? Desde quando as donas se permitem recusar-se aos naturais serviços domésticos que competem à sua condição de servas dos seus amos e senhores?

D. BRIOLANJA

— Devedes estar com os copos, senhor meu esposo. Ficaide sabendo que para alguma coisa haverá de ter servido a revolta dos infieis que promoveram o nosso exílio. E das novas que aqui hemos recebido desse governo de infieis...

EL-REI

— Não me faleiades de normas de governos de infieis que se rebelaram contra o seu legítimo senhor! Não me digaiades que na minha própria corte já entrou a erva ruim das reivindicações...

D. BRIOLANJA

— Chamaide-lhe o que quizerdes. Mas ficaide sabendo que essa revolta de infieis no nosso antigo reino veio servir para limpar muitas teias de aranha da pinha de cabeçudos como vós. Para isso se hão constituido no nosso antigo reino inúmeros centros de esclarecimento das massas da plebe...

EL-REI

— Não digaiades disparates. A plebe nunca teve massas, pois bem sabeides que na nossa corte tivemos sempre o cuidado de evitar que isso acontecesse. E lembraide-vos que nos sagrados princípios em que fomos criados sempre existiram os preceitos que o aconselhavam: não vos esqueaiades, senhora D. Briolanja, e partindo do princípio consagrado que a voz do povo é a voz de Deus, por certo não negareis a excelência dos ríflcos como os de "pão na mão e pau na outra", "quem dá o pão dá a criação" e "conversas com gente do povo só em última necessidade"...

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, melhor será que fecheiades a taramela porque se algum dos vossos vizinhos vos ouve, chama-vos rapça e talvez leveiades nas reais lonas...

EL-REI

— Que linguajar é esse, senhora D. Briolanja? Acaso estareides demente, ou teraiades ido à minha garrafa particular da cachaça?

D. BRIOLANJA

— Quem vos avisa vosso amigo é. Ide por mim, e deixaide-vos de farroncas. Esse tempo já

EL-REI

— Não, não consentirei em semelhante desvario. Chamarei a minha estremosa filha Aldegundes que por certo terá mais senso do que vós, que não passaiades dumha velha carcaça encarruillhada! Aldegundes! Aldegundes! Vinde cá minha estremosa filha! Vinde pests!

ALDEGUNDES

— Credo, papá, que gritaria é essa? Acaso tereides algum calo encravado? Gritaiades como um posseso! Que me quereides?

EL-REI

— Primeiro que tudo, minha estremosa filha, pretendo calçar hoje os meus coturnos novos. Mas acabo de verificar que por qualquer estranha coincidência, um e outro apresentam na ponta uns largos crifícios por onde sai o meu real dedo mór. Quereides cumprir os vossos deveres de boa filha, já que mais servos não temos, e pspontar os referidos crifícios?

ALDEGUNDES

— Nem penseiades nisso, meu estremoso papá. E ficaide sabendo que esse tempo em que as donas e donzelas eram verdadeiras escravas dos senhores, já acabou. Ainda ontem chegaram nas naus que vieram do nosso antigo reino mais uns panfletos proclamando a libertação das donas e donzelas e estabelecendo as regras para que todas as donas e donzelas possam unir-se nessa justa luta contra as vergonhosas opressões machistas de que temos sido vítimas...

EL-REI

— Oh céus, ó terror! Que estaremos nós ainda para ver? Mas então esses malditos infieis que me destronaram e exilaram não poderiam ter feito simplesmente uma honesta revoluçãozinha como era tradicional, e cavalgando os seus corceis irrem vencendo castelos e praças fortes até conseguirem alcançar o poder, em vez de lixarem completamente os direitos de todos os homens do nosso reino?

ALDEGUNDES

— Pois ficaide sabendo que a luta não acabou ainda, senhor meu pai. E é pelo estremoso amor que vos dedico que vos digo isto: preparaide-vos para tratardes das vossas coisas, porque nós que fomos sempre as maiores vítimas das opressões dos homens, teremos que nos unir para alcançar os nossos direitos!

EL-REI

— Mas que loucura colectiva foi essa que vos atacou? Acaso esqueiades que desde que o mundo é mundo que as mulheres devem servir e obedecer aos homens? Parece-me que tanto vós como vossa mãe estaiades abusando da nossa complacência, e do estremoso amor que vos dedicamos! Tere que reforçar a minha tradicional autoridade com uma chapada no focinho dá cada uma?

cont. na pág. 15

ORA  
CONTE-NOS...

JÁ PRENDEU  
ALGUM  
REACCIONÁRIO?

EMPREGADO  
DE  
CAFE

SÓ SE ME  
PRENDESSE A  
MIM PRÓPRIO  
...  
TAMBÉM NÃO  
ERA O  
PRIMEIRO!..

AI SE EU  
PUDESSE, MAS  
UM GAJO NEM  
PODE DAR  
UMAS  
CACETADAS  
NOS TIPOS...

REACCIONÁ-  
RIOS?  
ISSO JÁ  
NÃO HA'...  
AGORA SÃO  
TODOS BES-  
TIALMENTE  
DEMOCRATAS!

REVOLUCIONÁRIO

CAPITALISTA

SENHORIO

CAMPONES

É CÁ NA" PRENDO  
NINGUEM... SE  
ACACAR ALGUM  
LEVÁ LOGO COM  
UMA ENXADA NOS  
CORNOS!!!

TOMARA  
EU, QUE  
NÃO  
ME  
COPULEM  
A  
MIM!...

# FICÇÃO CIENTÍFICA

Ora aqui há tempos eu comecei por dar aos meus ilustradores alguns meus ideias rudimentares do mecanismo da ficção científica: dessas coisas do tunel do tempo que atira as pessoas do presente para o passado e do passado para o futuro, e lembrei ainda essa coisa dos mundos paralelos, que costuma fazer confusão a muita gente, mas que significa que nesse mesmo momento em que me estão lendo, vocês têm ao vosso lado, invisíveis para vocês, mas perfeitamente conscientes e activos, outros seres que noutras margens do tempo, estão vivendo a vida deles e estão agora mesmo a rir-se por cima dos vossos ombros. Mas não se assustem. Os gajos são geralmente uns gajos porreiros que não fazem mal a uma mosca. Podem continuar a ler descansados.

Vocês nunca repararam que às vezes vocês querem virar a página dum livro que estão a ler, e o dedo prende-se, e vocês tentam duas, três e quatro vezes sem conseguir apanhar a página para virar? Lembram-se? Pois isso é com certeza algum desses porreiros que está a ler ao mesmo tempo por cima do vosso ombro e como ainda não chegou ao fim da página não vos deixa muito delicadamente virá-la...

Mas adiante. Eu na lição anterior dei-vos uma cena passada no ano 3.000 antes de Cristo. Claro que os personagens são os mesmos da história de hoje, quero dizer, do comportamento que é hoje corrente. E depois vocês verão a mesma cena no ano 3.000 do futuro. Mas para já...

## HOMEM

— É sempre a mesma merda! Chega um gajo a casa estafado de trabalhar, principalmente agora que o imbecil do chefe da reparação anda com a mania de ganhar um prémio da batalha da produção e como era de esperar, a madame ainda não veio do chá das cinco! Raios partam a

mania dos chazes! E depois vem-me com aquela cantiga que se trata de chás de caridade, para ajudar os desprotegidos. Como se eu fosse protegido por alguém! Isto é que é uma gaíta! E agora a que horas é que ela vem fazer o

dispensa da cozinha)

— Pois claro! Sua excelência se lhe apetecesse vir jantar às dez da noite nem desculpa dava, e cá estava a escrava para o atender. Hi, Hi, Hi! Sou muito desgraçada! Hi, Hi, Hi!

## MULHER

— Meu! Mas eu tenho alguma coisa de meu? Sou obrigada a fazer o jantar a este brutamentos que me desprezava, que me trata como criada e nem sequer me paga o ordenado mínimo do sindicato

da opressão burguesa? Sabes que tudo quanto tenho é teu...

## MULHER

— Mas meu pouco apaixonado proletário de que é que iríamos viver depois? Deixa lá, meu sonho alienante! Continuar a sacrificar-me a fazer o jantar para este...

## HOMEM

— Ah, já voltaste! Fui procurar-te...

## MULHER

— Oh meu querido, houve um tremendo engarrafamento de trânsito na baixa e o que me valeu foi a amabilidade deste colega que gentilmente se ofereceu para me trazer para casa, porque disse que ele bem sabia que os maridos gostam sempre de encontrar as mulheres em casa, e estava preocupado por tua causa! Sabes, eu tinha-lhe falado de ti e dos teus trabalhos na nova comissão...

## O OUTRO

— É um trabalho que eu tenho seguido com muito interesse profissional e aproveitei esta oportunidade para ter o prazer de o conhecer pessoalmente, senhor Fulgencio... E agora se me permite, retiro-me porque tenho que ir preparar uma conferência...

## HOMEM

— De forma nenhuma, meu excelentíssimo amigo! Vossa Excelência fica para jantar connosco! Não achas bem, minha querida? Não podemos deixar ir embora depois da sua amabilidade este senhor...

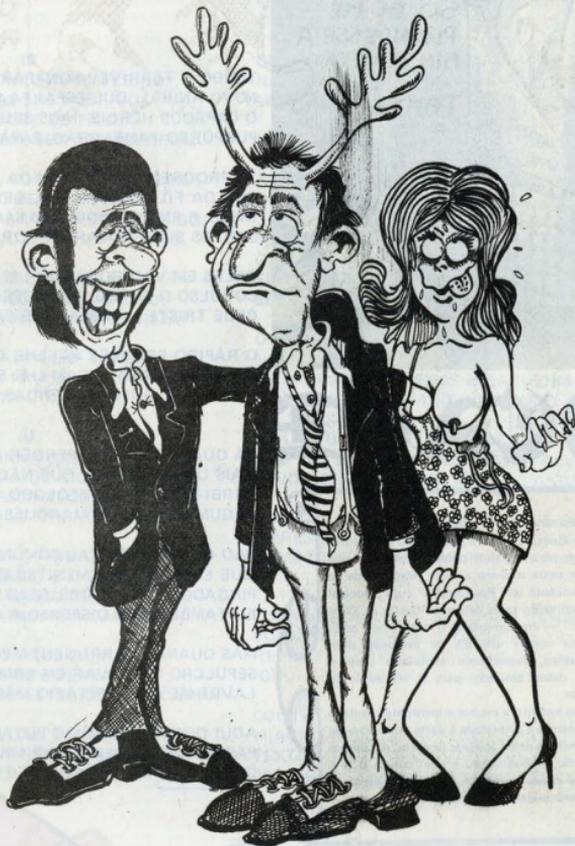
## O OUTRO

— Bom, já que tanto insistem... é muita honra para mim...

## HOMEM

— Perdão, a honra é minha, por me dar o prazer de compartilhar as nossas pobres sopas! Anda, Maria, vai pôr a mesa...

A cena dilui-se no esfumar do tempo. Voltaremos a sentir a presença de seres irmãos, no estranho ambiente da vida do ano 3.000...



jantar? Estou lixado! Bom, o melhor é ir a casa da D. Micasa saber se ela está por lá... Um dia isto dá fita, olá se dá! (sai bestialmente chateado, como é de esperar)

## MULHER

(saindo da

## O OUTRO

(saindo da mesma dispensa)

— Não chores meu amor, que fazes feia! Sorri para mim que te adora, que anseio por ti, que sou só teu... todo teu...

das empregadas domésticas! Ai que mal empregada que eu sou!

## O OUTRO

— Mas porque não o abandonas, deixas tudo e vens viver comigo, adorada vítima



# BOCAGE

Nesta coletânea da "Poesia Erótica, Satírica e Burlesca" de Bocage, que em publicação livre temos vindo a trazer para o grande público, havíamos planeado iniciar neste número a parte subordinada ao tema "Sensualidade sem Pornografia" cujo principal núcleo é constituído pelas célebres "Cartas de Oínda e Atzira" — um admirável trabalho por onde perpassam os ternos eflúvios da evolução dum romance lésbico, suavemente evoluindo para o desabrochar dessa amizade para a iniciação do "outro" amor.

Devido no entanto a muitos e insistentes pedidos para que dessemos a prioridade à parte desta obra de Bocage preenchida pelos célebres Sonetos, decidimos alterar o plano da publicação e aqui damos hoje a público treze desses exemplos da obra bocacena de "Poesia de Sensualidade Desbragada".

# SONETOS

I  
TENDO O TERRÍVEL BONAPARTE À VISTA,  
NOVO ANÍBAL, QUE ESFALFA A VOZ DA FAMA,  
Ó CAPADOS HEROÍSI! (AOS SEUS EXCLAMA  
PURPUREO FANFARRÃO, PAPAL SACRISTA):

"O PROGRESSO ESTORVAÍ DA ATROZ CONQUISTA  
QUE DA FILOSOFIA O MAL DERRAMA: ..."  
DISSE, E EM FÉRVIDO TOM SAUDA, YCHAMA,  
SANTOS SURDOS VAROES POR SACRA LISTA.

DELES EM VÃO ROGANDO UM PIÓ ARROJO,  
COVULSO O CORPO, AS FACES AMARELAS,  
CEDE TRISTE VITÓRIA, QUE FAZ NOJO!

O RÁPIDO FRANCÉS VAI-LHE ÀS CANELAS;  
DÁ, FERE, MATA; FICAM-LHE EM DESPOJO  
RELIQUIAS, BULHAS, MERDAS, BAGATELAS.

II  
LÁ QUANDO EM MIM PERDER A HUMANIDADE  
MAIS UM DAQUELES, QUE NÃO FAZEM FALTA,  
VERBI-GRATIA — O TEÓLOGO, O PERALTA,  
ALGUM DUQUE, OU MARQUES, OU CONDE, OU FRADE.

NÃO QUERO FUNERAL COMUNIDADE,  
QUE ENGROLE SUB-VENITES EM VOZ ALTA;  
PINGADOS GATARRÓES, GENTE DE MALTA,  
EU TAMBÉM VÓS DISPENSO A CARIDADE.

MÁS QUANDO FERRUGENTA ENXADA IDOSA  
SEPLULCRO ME CAVAR EM ERMO OUTEIRO,  
LAVRE-NIE ESTE EPITÁFIO MÃO PIEDOSA:

AQUI DORME BOCAGE O PUTANHEIRO:  
PASSOU VIDA FOLGADA, E MILAGROSA:  
COMEU, BEBEU, FODEU SEM TER DINHEIRO".

III  
E PAU, E REI DOS PAUS, NÃO MARMELEIRO,  
SEM QUE DUAS GAMBOAS LHE LOBRIGO;  
DÁ LEITE, SEM SER ÁRVORE DE FIGO,  
DA GLANDE O FRUTO TEM, SEM SER SOBREIRO.

VERGA, E NÃO QUEBRA, COMO O ZAMBUJEIRO;  
OCO, QUAL SABUGUEIRO TEM O UMBIGO;  
BRANDO ÀS VEZES, QUAL VIME, ESTÁ CONSIGO;  
OUTRAS VEZES MAIS RIJO QUE UM PINHEIRO.

À RODA DA RAIZ PRODUZ CARQUEJA:  
NÃO O RESTO DE TRONCO É CALVO E NU;  
TE M CEDRO, NEM PAU SANTO MAIS NEGREJA!

PARA CARVALHO SER FALTA-LHE UM U:  
ADIVINHEM AGORA QUE PAU SEJA,  
E QUEM ADIVINHAR META-O NO CU.

IV  
NOJENTA PROLE DA RAINHA GINGA,  
SABUJO LADRADOR, CARA DE NICO,  
LOGAZ SAGUIUM, BURLESCO TEDITORICO,  
OSGA TORRADA, ESTÚPIDO RESINGA;

E NÃO TE ACUSO DE POETA PINGA:  
TENS LIDO O MESTRE INÁCIO E O BOM SUPICO;  
DE OGAS IDEIAS TENS O CASCO RICO, \*  
MÁS TEUS VERSOS TRESANDAM A CANTIGA:

SE A TUA MUSA NOS OUTEIROES CAMPA,  
SE AO MIRANDE FIZESTE ODE DEMENTE  
E O MAIS, QUE AO MUNDO ESTOLIDO SE INCAMPA.

E PORQUE SENDO, Ó CALDAS, TÃO-SÓMENTE  
UM CAFRE, UM GOZO, UM NÉSCIO, UM PARVO,  
QUERES METER NARIZ EM CU DE GENTE. TRAMPA

V  
BOJUDO FRADALHAO DE LARGA VENTA,  
ABISMO IMUNDO DE TABACO ESTURRO,  
DOUTOR NA ASNEIRA, NA CIENCIA BURRO,  
COM BARBA HIRSUTA QUE NO PEITO ASSENTA;

NO PÚLPITO, UM DOMINGO, SE APRESENTA:  
PREGA NAS GRADES ESPANTOSO MURRO:  
E ACALMADO DO POVO O GRÃO SUSSURRO,  
O DIQUE DAS ASNEIRAS ARREBENTA.

QUATRO PUTAS MOFAVAM DE SEUS BRADOS,  
NÃO QUERENDO QUE GRITASSE CONTRA AS MODAS,  
UM PECADOR DOS MAIS DESAFORADOS.

VI  
"NÃO (DIZ UMA) TU PADRE NÃO ME ENGODAS:  
SEMPRE ME HÁ-DE LEMBRAR, POR MEUS PECADOS  
A NOITE EM QUE ME DESTÉ NOVE FODAS".

VII  
ESQUENTADO FRISAÓ, BRUTAL MASMORRO  
GIRAVÁ EM SANTAREM NA POBRE FEIRA;  
EIS QUE DIVISA AO LONGE EM COUVA CEIRA  
SEUS BONS IRMÃOS SERÁFICOS DE BARRO.

VIII  
O BRUTO, QUE ARREMEDA UM BOI DE CARRO  
NA CARRANCA FERÓZ, PARTE À CARREIRA,  
OS SAGRADOS BONECOS ESCAQUEIRA,  
E ARRANCA DE UFANIA UM LONGO ESCARRO.

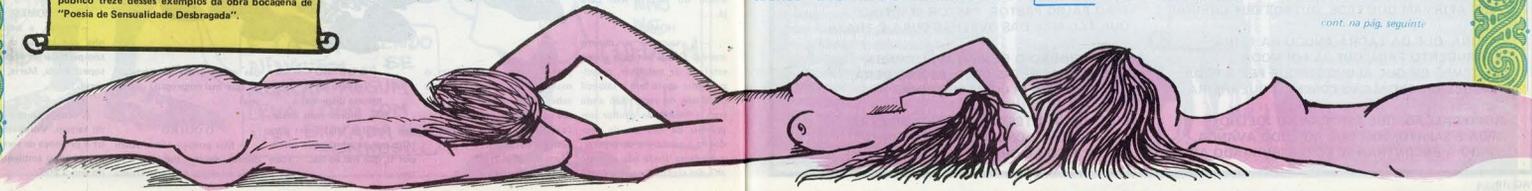
IX  
N'ALMA O SANTO FUROR LHE ARQUEJA E BERRA:  
MÁS VÓS ENCHEI-VOS DE INTÍMIO ALVORÇO E  
POVOS, QUE DO BUREL SOFREIS A GUERRA.

X  
QUE DOS BONZOS DE BARRO O VIL DESTROÇO  
E PRESSAGIO TALVEZ DE IREM POR TERRA  
MEMBRUDOS FRADALHÕES DE CARNE E OSSO!

XI  
TURBA ESFAIMADA, MULTIDÃO CANINA,  
CORJA, QUE TEM DEUS OU MOMO, OU BACO,  
REINA E DECRETA NOS COVIS DE CACO  
IGNORÂNCIA D'AQUI, D'ALI RAPINA;

XII  
COLHE DE ALTO SISTEMA E LEI DIVINA  
INAGNÁRIO JUS, COM QUE ENCHA O SAPO;  
TEXTOS GAGUEJA EM VÃO DOUTOR N'ACACO  
POR OURO QUE PROMETE ALMA SOVINA.

cont. na pág. seguinte



# SONETOS

CÍRCULO UMBROSO DE VEJAS PEDANTES,  
COM TORPE ASTÚCIA DE MALIGNO ZORRA,  
USURPA NOME EXCELSO E GRAUS FLAMANTES.

ORA MIJEI NA SÚCIA, INDA QUE EU MORRA.  
CORNO, ARROCHO, BAMBU NOS ELEFANTES,  
CUJO VULTO É DE ANÕES, A TROMBA É PORRA!

## VIII

NESTA CUJA MEMÓRIA ESQUECE À FAMA,  
FEIRA, QUE A SANTARÉM VEM DE ANO EM ANO,  
JAZIA CO'UMA FREIRA UM FRANCISCANO;  
ERAM DE BARRO OS DOIS, DE BARRO A CAMA.

CO'A MÃO, QUE A VIRGINDADE INJÚRIAS TRAMA,  
PRETENDIA O CABRÃO FERRAR-LHE O PANO;  
EIS QUE UM NEGRO BARRASCO, UM FREI TUTANO  
O ESPECTÁCULO VÊ, ÔUE OS RINS LHE INFLAMA.

"IRRA, VENS-ME ATIÇAR, GENTE DANADA!  
NÃO BASTA A FELPA DOS BURÊS OPACOS,  
COM QUE A CARNE REBELDE ANDA RALADA?

"FORA, VIS TENTACÕES! FORA, VELHACOS!..."  
DISSE, E AO RÍSPIDO SOM DE ATROZ PATADA,  
O ESCANDALOSO PAR CONVERTE EM CACOS.

## IX

MAGRO, DE OLHOS AZUIS, CARÃO MORENO,  
BEM SERVIDO DE PÉS, MEÃO NA ALTURA,  
TRISTE DE FAXA, O MESMO DE FIGURA,  
NARIZ ALTO NO MEIO, E NÃO PEQUENO;

INCAPAZ DE ASSISTIR NUM SÓ TERRENO,  
MAIS PROPENSO AO FUROR DO QUE À TERNURA,  
BEBENDO EM NÍVEAS MURÓS POR TAÇA ESCURA  
DE ZELOS INFERNALS LETAL VENENO;

DEVOTO INCENSADOR DE MIL DEIDADES,  
(DIGO DE MOÇAS MIL) NUM SÓ MOMENTO;  
INIMIGO DE HIPÓCRITAS E FRADES:

EIS BOCAGE, EM QUEM LUZ ALGUM TALENTO;  
SAIRAM DELE MESMO ESTAS VERDADES  
NUM DIA EM QUE SE ACHOU CAGANDO AO VENTO.

## X

RAPADA, AMARELENTA CABELEIRA,  
VEGOS OLHOS, QUE O CHÁ E O DOCE ENGODA,  
BOCA QUE À PARTE ESQUERDA SE ACOMODA,  
(UNS AFIRMAM QUE FEDE, OUTROS QUE CHEIRA);

JAPONA, QUE DA LADRA ANDOU NA FEIRA;  
FERRUGENTO FAIM, QUE JÁ FOI MODA  
NO TEMPO EM QUE ALBUQUERQUE FEZ A PODA  
AO SOBERBO HIDALCÃO COM MÃO GUERREIRA;

RUCO CALÇÃO, QUE ESPORRA NO JOELHO,  
MEIA E SAPATO, COM QUE AO LODO AVANÇA,  
VINDO A ENCONTRAR-SE CO'O ESBURGADO ARTELHO.

JARRA, COM APETITES DE CRIANÇA;  
CARA COM SEMELHANÇA DE BESBELHO  
— EIS O BEDEL DO PINDO, O DOUTOR FRANÇA.

## XI

PILHA AQUI, PILHA ALI, VOZEIA AUTORES,  
MONTESQUIEU, MIRABEAU, VOLTAIRE, E VÁRIOS;  
PROPEE SISTEMAS, TIRA COROLÁRIOS,  
E USURPA O TOM D'ENFÁTICOS DOUTORES;

CIÊNCIA DE LIVREIROS E IMPRESSORES  
TRÁS DA VASTA MEMÓRIA NOS ARMÁRIOS;  
E TRATANDO OS CRISTÃS DE VISIONÁRIOS,  
SÓ RENDE CULTO A VÊNUS E AOS AMORES:

A MULHER, QUE A BARRIGA LHE TEM FORRA  
DO JUGO DA VITAL NECESSIDADE,  
DEIXA EM CASA GEMER COMO EM MASMORRA:

ESTE BILTRE, LABEU DA HUMANIDADE,  
É UM TAL BACHAREL LEITÃO DE BORRA,  
LASCIVO COMO UM BURRO OU COMO UM FRADE.

## XII

"NÃO CHORES, CARA ESPOSA, QUE O DESTINO  
MANDA QUE PARTA, À GUERRA ME CONVIDA;  
A HONRA PREZO MAIS QUE A PRÓPRIA VIDA,  
E SE ASSIM NÃO FIZERA, FORA INDIGNO".

"— EU TE ACHO, MEU CONDE, TÃO MENINO,  
QUE RECEIO... " — AH! NÃO TEMAS, NÃO, QUERIDA;  
A FRANCESA NAÇÃO SERÁ BATIDA;  
ESTE PEITO QUE VÊS, É DIAMANTINO".

"— COMO É CRÍVEL QUE SEJAS TÃO VALENTE?... "  
"— EU HERDEI O VALOR DE AVÓS E PAIS,  
QUE ESSA VIRTUDE TEM A ILUSTRE GENTE".

"— PORÉM, SE AS FORÇAS FOREM DESIGUAIS? "  
"— IRRA, CONDESSA! ÉS MUITO IMPERTINENTE!  
TORNAREI A FUGIR, QUE QUERES MAIS? "

## XIII

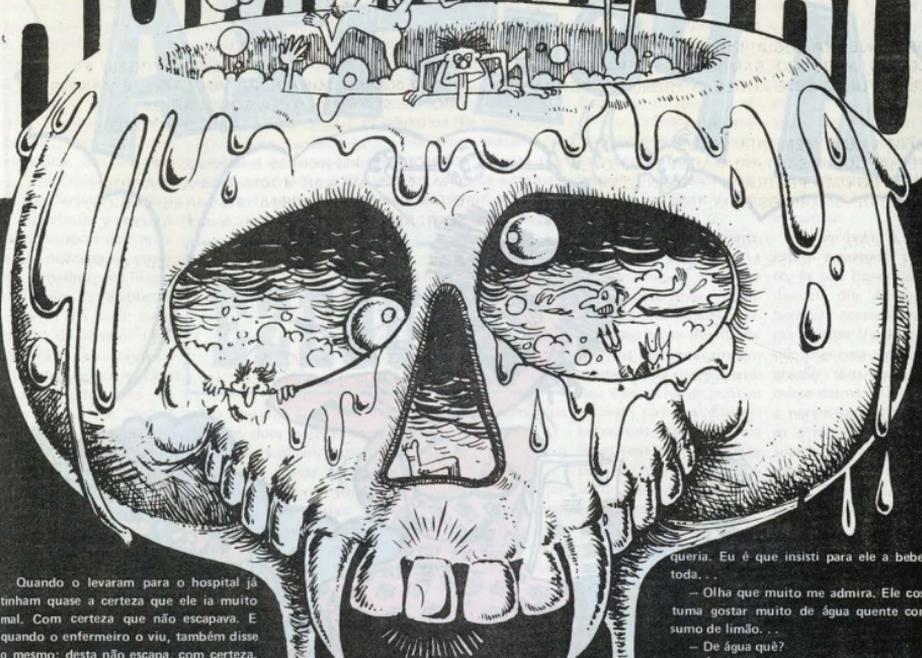
NÃO TE CRIMINO A TI, PLEBE INSENSATA,  
A VÃ SUPERSTIÇÃO NÃO TE CRIMINO:  
FOI NATURAL, QUE O FRADO ERA LADINO,  
E EXPERTA EM MACAQUICES A BEATA.

SÓ CRIMINO ESSE HEROI DE BOLA CHATA,  
QUE NA ESCOLA DE MARTE INDA É MENINO,  
E AO FALSO PASTOR, PASTOR SEM TINO,  
QUE TÃO MAL DAS OVELHAS CURA E TRATA.

ITEM, CRIMINO O RESPEITÁVEL CUNHA,  
QUE A FRIAS PETAS CRÉDITO NÃO DERA,  
A SER FILÓSOFO, COMO SUPUNHA.

COITADO! PROTESTOU COM VOZ SINCERA  
FAZER GERAL, CONTRITA CARAMUNHA,  
PORÉM FICOU PIOR QUE D'ANTES ERA!

# HUMOR NEGRO



Quando o levaram para o hospital já tinham quase a certeza que ele ia muito mal. Com certeza que não escapava. E quando o enfermeiro o viu, também disse o mesmo: desta não escapa, com certeza. Depois veio o médico. Olhou para ele, olhou, olhou, tornou a olhar, e depois saiu sem dizer palavra.

O enfermeiro foi atrás dele com a papelleta:

— Ó senhor doutor! O senhor doutor esqueceu-se de escrever a papelleta! Nem sequer fez o diagnóstico. . .

O médico olhou para ele e acendeu um cigarro. Depois, vagarosamente respondeu:

— Está bem. Vá lá dizendo o que está escrito na papelleta, para completar. . .

— Sim, senhor doutor. Nome?

— O homem foi apanhado no mar completamente nu. Não tinha identidade. Ponha um traço.

— Sim senhor doutor. Idade?

— Sei lá! Ponha lá quarenta até ver.

— Sim senhor, senhor doutor. Nad. . . nada. . . nad. . . ah: Pulso?

— Você bem viu que ele não tem braços, quanto mais pulsos. Ponha um traço.

— Está bem, senhor doutor. Temperatura?

— A mim pareceu-me mais gelado que um martini. Ponha outro traço.

— Sim senhor. Talvez seja melhor pôr

"abaixo da normal", não acha?

— Acho bem. Muito abaixo. Mais?

— Han. . . ah: Sexo?

— Olhe, no estado em que trouxeram aquela porcaria, não se consegue distinguir. Falta-lhe tanta coisa. . .

— Mas então o que ponho eu aqui?

— É simples. Ponha "unisexo".

— O José, porque é que o menino está a chorar tanto?

— Sei lá? Tu bem sabes como são os putos desta idade. Não fazem senão chorar. . .

— Pois é, mas ele não costuma berrar dessa maneira. Tu deste-lhe a água fervida que eu te disse?

— Dei sim senhor. Bebeu-a toda até ao fim.

— Se calhar não lhe caiu bem. . .

— Se calhar não caiu. Ele até nem a

queria. Eu é que insisti para ele a beber toda. . .

— Olha que muito me admira. Ele costuma gostar muito de água quente com sumo de limão. . .

— De água quê?

— Água quente com sumo de limão. . .

— Oh diabo, então é por isso. . .

— É por isso o quê?

— Ó mulher é que eu não percebi o que tu disseste. Pareceu-me que tu tinhas dito para lhe dar agardente com sumo de limão. . .

— Prepara-te! Chegou a tua última hora!

— Ainda bem. Já devia ter chegado há mais tempo!

— És incorrigível! Na realidade parece que até já nem devias ter esta última hora. . .

— Não fui eu que a quiz. Quem decidiu isso não fui eu. Se quiser acabar já. . .

— Não. Quero ser rigorosamente justo e como ainda tens esta última hora, te-la-ás até ao fim.

— Pronto, se tenho que a ter, tenho que a ter. Fico calmamente à espera que ela chegue.

— Fica, então. Faz essa tradução de inglês, e tira os significados. Isso deve-te dar até às cinco que é quando acaba esta última hora. Depois podes sair da aula e ir para casa.

# A POETIZA



Dona Rosa Venâncio, na orelha flácida, beirava os sessenta anos e era o retrato do desânimo piegas, da feminilidade delicadoce e da frustração

brutal. Estendida numa "chaise-longue" lilás, suspirava sozinha, lia versos de Florbela Espanca

(entendias-me..."), aborrecia-se, telefonava às amigas, falava na morte que sentia próxima (de facto, os vizinhos mor-

riam amiúde) e cultivava o mórbido gosto pela penumbra que todas as tardes tombava molemente sobre o seu ócio. A

criada vinha arrancá-la àquela prostração, anunciando que o jantar estava à mesa. Ela, quase exangue, segurava os talheres que esvoaçavam sobre a comida, indiferentes, uma ervilha aqui, um pedaço de frango acolá — e mal comia. Na sua expressão consagrada, imortalizada num verso, sentia "um enorme fastio cósmico", sentia "a fome desmedida de não comer", o "spleen de Lisboa", o "ersatz", estados de inquietação e angústia que os autores portugueses se deliciam a sentir mais e melhor, em língua estrangeira... Publicara ao longo da vida vinte volumes de sonetos (que soavam exactamente oitocentos e quarenta e cinco), todos eles de rimas pobres em "ar" e "so" com quadras de serem desclassificadas logo à primeira leitura nos Jogos Florais de Armazém de Pera, com certos abomináveis, cheios de cacofonias, e remates que mais pareciam chutos ao acaso. O seu primeiro livro tinha o título: "Beijos da Primavera". O último intitulava-se "Sombras do Outono". Escrevera igualmente as "Promessas do Verão", "Cinza do Meu Inverno" e o seu "Best-Seller" (cinquenta exemplares vendidos). "A primavera que foi inverno"... Era este o seu livro mais querido, aquele donde lia os sonetos sempre que em grandes artimanhas obrigava os amigos a pedirem-lhe que dissesse os seus versos. Aliás, artimanhas comuns a muitas poetisas...

"A primavera que foi inverno" era quase uma autobiografia. "Escrevi-o com sangue e com lágrimas, sentindo esfriar nos meus braços o corpo do meu marido", confessava ela. A crítica, segundo

acrescentava, saudara com entusiasmo aqueles sonetos. Um jornal de Caldas da Rainha transcrevera mesmo uma quadra arrojada:

"Partiste meu amor esperando que abra! O teu caixão e que eu te ressuscite! Mas se a morte é triste, a vida é macabra! Descansa para sempre enquanto eu grite".

O marido deixara-a inconsolável mas com bons rendimentos e Rosa Venâncio organizara a pouco e pouco o seu

mas delirava com os elogios que lhe dirigiam ao talento. O dramaturgo prodigalizava-lhe encomios, tanto a respeito do físico como do intelecto, e uma noite, ao cruzar-se com ela no corredor, murmurara-lhe:

— Oh! Rosa! Porque me dá os seus versos divinos e não me dá a boca divina que os pronuncia?

Ela, num instante de embriaguez, deixara que ele lhe rodeasse a cintura. Mas ao sentir o espesso bafo do bagoço, fugira-

tisse — Tu, Rosa Venâncio, és a perscrutora da libertação da mulher! — Se para ela avançasse opulento o poeta Arycandes Santos e lhe gritasse: — Tu, Rosa-Povo, és uma cintura de framboeza nos tentáculos do meu amor-ralva! — Enfim, se a porta se abrisse, e Gomes Ferreira, o decano, de cabelos brancos e ar senatorial, surgisse de braços ao ar, direito a ela, apenas com estas palavras: — Tu, Rosa Venâncio, és a Poesia!

Assim, com um sentimento de frustração a avolumar-se de dia para dia, tomou Rosa Venâncio uma retumbante decisão. Não havia dúvida de que os tempos tinham mudado. Os salões literários e as torres de marfim estavam caducas. Ela iria ao encontro do povo, iria ler os seus versos na praça pública, munida de altifalante! HorrORIZADO, Santos Pinto bramou que o intimismo da sua poesia não se coadunava com o ar-livre! As solteiras declararam que tinham visto um cartaz onde se lia: "A Poesia está na rua" — e entusiasmaram-na a levar a cabo o seu projecto.

No dia marcado para a leitura pública, a nervosa poetisa, vestida de vermelho e com um turbante que simulava um barrete frígido, rodeou-se da sua pequena corte e, ao tomar o táxi, lançou esta frase sublime:

— O mundo é dos audaciosos!

O motorista, vendo-a cercada de pessoas que a seguravam e observando, sobretudo, a sua bizzarra indumentária, sussurrou:

— Aposto que é para o Júlio de Matos!

Ficou muito espantado quando lhe pediram que seguisse para o Rossio. Entretanto, a tremor como varas verdes, Rosa

Venâncio repetia em voz alta os sonetos que decorara para a ocasião. As solteiras insuflavam-lhe coragem, previam com uma certa ironia que ela voltaria em ombros para casa, Santos Pinto cofiava o queixo, dizia de minuto em minuto: — Ora, esta senhora, quem me diria a mim... — Abruptamente, a poetisa soltou um guincho que fez o motorista dar um salto no assento —: E se não está lá ninguém? Oh! Eu morro de vergonha!

Na verdade, o Rossio estava apinhado de gente, às seis horas da tarde daquele dia. A multidão berrava, acenava bandeiras e Rosa Venâncio que não esperava uma consagração tão espectacular quase desmaiou de alegria e nervosismo. Comunicara a meia dúzia de pessoas o seu intento e Lisboa comparecera em peso! Quando te a popularidade!

— Oh! — exclamavam encantadas as solteiras — Até o M.R.P.P. veio para te ouvir...

Uma vez na praça, Rosa Venâncio que perdera as estribelas atirou beijos ao compacto mar de gente. Levou o altifalante à boca e clamou:

— Não sei como vos agradecer! É esta hora a mais feliz da minha vida! E como vieram para ouvir os meus versos, oicamnos porque não há palavras que substituem as da Poesia.

A multidão deu um enorme urro. Rosa Venâncio, num grande rasgo, lançou-lhe o primeiro soneto. Mas, ao levantar os olhos, abismada, viu à sua frente um "Chaimite" que se dirigia ameaçador para ela e apegou-se ao seu ombro.

Desde então, por efeito do susto, Dona Rosa Venâncio nunca mais escreveu um soneto.

## POR EZEQUIEL

salão literário, frequentado por duas solteiras que não tinham outro

lugar para passar os séres de sábado, um coronel reformado, viúvo e surdo, algumas conhecidas na época da menapausa e o dramaturgo Santos Pinto que, entre outras coisas, costumava pedir dinheiro emprestado à poetisa. Ele era o mentor das reuniões: todos o ouviam com deferência e o coronel com respeito enfado, Santos

Pinto, autor de "Um Auto de Natal" que vira as luzes da Ribalta em Montemor-o-Velho, pontificava toda a noite, dentro do seu fato com dois de vinho ("Este homem teria sido um Shakespeare português se não fosse o bagoço", lamentava a anfitriã):

— As "Três Marias"! Ah! Ah! Ah! — ria ele — as três juntas não valem uma Rosa Venâncio.

— São favores... — corava a sonetista.

A sua grande pecha era a vaidade. Importava-lhe pouco que loubassem os seus encantos femininos

—lhe com uma desculpa romântica:

— Não posso trair o meu querido morto... (que mesmo morto, chegava mal mas não a baco).

As reuniões arrastavam-se há anos e Rosa Venâncio investivava nelas veementemente a injustiça da "Tábua Rasa" que nunca lhe promovera uma homenagem e o esquecimento do "Cenáculo Marquesa de Valverde" que nunca lhe enviara um convite especial.

— São invejas, querida amiga, invejas — comentava o inefável Santos Pinto.

Contudo, a poetisa estava fatigada. Conhecia de cór as hossanas dos seus admiradores e, em momentos de revolta, achava que merecia um círculo mais conceituado e numeroso. Oh, se aparecesse no seu salão a poetisa Natália Correia e lhe atrasse de chofre: — Tu, Rosa Venâncio, és o poeta quadrípétalo-ívivo por excelência! — se viesse a Teresa Horta e lhe garan-

# PRÊMIO PAULITZER

Quando eu ontem sai de casa, ia brera como a ferrugem. Claro: tinha na véspera ouvido o sacaninha do meu chefe de redacção dizer-me que se eu lhe levasse uma reportagem viva e palpitante daquelas que na América dão direito ao Prémio Pulitzer que me punha no olho da rua, e que se estava marimbando para o que eu lhe desse como desculpa.

Vocês estão a ver: fazer uma entrevista assim palpitante numa altura como esta em que eu tenho a pinha já gasta até ao fundo da moleirinha de inventar entrevistas, e reportagens! É um verdadeiro abuso que devia ser proibido: mas infelizmente não é, e por isso lá ia eu, brera como a ferrugem a ver se descobria...

Mas onde é que eu ia descobrir uma coisa dessas? Entrevistas... entrevistas...

E de repente dei um pulo. Tinha descoberto. Eureka! Bestial! Genial!

Corri para o jornal e fui direito ao gabinete do meu chefe de redacção. Bati à porta, e...

— Entre! — berrou ele lá de dentro...

Entrei com a vénia do costume disse:

— O senhor Arnaldo dá licença?

— Você? A estas horas? Já fez a entrevista? O que é que quer? Vamos, despache-se! Não vê que eu tenho que fazer?

— Desculpe, senhor Arnaldo, a entrevista já está quase pronta. Mas eu queria perguntar-lhe uma coisa, quero dizer, queria que me fizesse o favor de explicar uma coisa...

O homem amenuizou-se:

— Bom, diga lá o que quer, homem! Bem sabe que eu nunca me recuso a ensinar seja o que for...

— Pois é por isso mesmo: Sabe, eu cá vou escrevendo as minhas coisitas, mas agora queria que o senhor Arnaldo me ensinasse como é que eu havia de começar a entrevista que eu queria fazer: sabe a pessoa é uma pessoa muito

importante, assim, como o senhor Arnaldo, e eu não queria melindrá-lo por isso queria que desse umas ideias suas... sobre coisas que interessasse perguntar... sabe...

Aqui ele ficou todo inchado e recostou-se no seu enorme cadeirão. Acendeu um charuto e respondeu-me:

— Ora ainda bem que você mostra que tem um bocadinho de miolos! Aprender com quem sabe, é o que eu sempre disse! Ora oia com atenção: a primeira coisa que você tem a fazer é descobrir qual é o ponto fraco do seu entrevistado. E como geralmente esse ponto fraco é a vaidade, é fácil convencê-lo a dar-lhe o exclusivo de qualquer entrevista de que pode tirar todo o partido, isto claro, se souber aproveitar...

— Bom, era mesmo isso que eu queria. E para ser mais claro para mim, sim porque o senhor Arnaldo sabe que eu sou um bocadinho distraído, podia por exemplo fazer de conta que o senhor era aquela pessoa muito importante que eu ia entrevistar... Bom, que na verdade, o senhor Arnaldo é muito importante, assim... comparado a mim, já se sabe...

— Homem, você não é parvo de todo. Ora se eu fosse então essa pessoa, você perguntava-me por exemplo como era a minha vida na intimidade...

— Pois, pois! Senhor Arnaldo, como é a sua vida na intimidade?

— Claro que as pessoas nunca lhe dizem a verdade. Mas você pode deduzir. No meu caso, por exemplo, eu não ia dizer que lá em casa passo um verdadeiro inferno com a patroa, que tem a mania de me chatear por tudo e por nada... em vez disso eu diria...

— Ah ela tem o arrojio de estar a incomodar a uma pessoa tão importante e com tanto valor intelectual como o senhor Arnaldo? Olhe que eu nunca pensei...

— Bom, a gente tem que a desculpar. Sabe, ela era filha

duma lavadeira, muito embora eu diga sempre que ela é filha dum grande industrial. Industrial! Claro que o pai dela andava ao trapo, o que verdade é uma indústria, mas o que é preciso é dar um certo colorido romântico a estas coisas...

— Com certeza, com certeza, senhor Arnaldo! Evidentemente! Ora quem havia de dizer que a dona Augusta que se veste tão bem...

— Bom, lá isso também é

fazia andar a matula toda lá do bairro atrás dela! E como tinha trela para dar a todos, era muito popular...

— Claro que isso também se podia dizer ao entrevistado, não podia?

— Claro que podia! O que ele com certeza não lhe dizia, se fosse eu, era que a Augusta no seu tempo era uma leviana de se lhe tirar o chapéu! Aquilo era um por dia...

— Ah sim? Ela era assim... fresca?

— Sim, porque só uma vez é que eu tive a certeza que ali andava moiro na costa. Mas também dei-lhe cá uma descompostura que lhe ficou de imenda! E depois disso o caso ficou arrumado...

— Ela não tornou... — Não, eu é que não tornei a fazer serões. Bom mas onde é que iam nós?

— Bom, eu ia fazer uma entrevista...

— Pronto, então vá lá. E



uma coisa que se pode dizer aos entrevistados. Eles sempre gostam que se diga bem das mulheres deles. Dá-lhes importância, sabe? Evidentemente no meu caso, eu se estivesse a ser entrevistado teria que lhe dizer que a minha esposa, a Augusta tinha sido uma das mais elegantes senhoras da sua roda social...

— E foi? — Quem? — A dona Augusta! — Ah, lá isso foi! Aqui para nós era cá uma pêssega que

— Fresca? Chiça, homem, nem queira saber! Olhe que houve tempos em que eu não podia ficar uma noite a fazer serão...

— Porquê? Ela não deixava?

— Qual! é que se eu ficasse a fazer serão, já sabia que quando chegasse a casa encontrava lá outro na conversa...

— Oh coitado do sr. Arnaldo!

— Coitado não, ouviu? Não fique lá com ideias avan-

veja se arranja coisa de jeito. Coisa que dê brado. Você sabe...

— Claro que vocês estão mesmo a ver. Eu aqui estou a contar esta entrevista que fiz com o meu chefe de redacção. E ficaram a saber. O gajo além de cabrão é queixinhas. Já sei que vou ser despedido, mas se eu não ganhar com isto o Prémio Pulitzer, ele pelo menos vai receber o Prémio dos Paulitzeros. Bem feito.

# A LÓGICA SUCESSÃO

Cont. da pág. 5

D. BRIOLANJA

— Atrevide-vos e vereides que saís daqui com um olho ao peito! Ficaide sabendo que a hora da libertação da mulher já sou! Não mais admitiremos as humilhações de que temos sido vítimas! Vergonhas e ignominias que temos sofrido! Vós não o podeides compreender, mas se pensaeides que a mulher tem sido sempre humilhada em favor desse indecente machismo, poderieides perceber que o momento chegou de vós nos passarmos mais cartolinas!

EL-REI

— Não posso compreender? Mas vós pensaeides que eu lá por ter sido exilado deixei de ser a mais inteligente pessoa do nosso antigo reino? Dizeide das vossas queixas, que se justas forem, justiça vós farei, como é de tradição!

D. BRIOLANJA

— Ah sim? Então explicaide-me: Porque motivo senão uma forma de vairada de machismo permite que sejam as donas mesprezadas no que respeita aos filhos? Reparaiide que ao falar dum pai e dum mãe, se diz "os pais" como se para fazer o endez tivesse havido dois homens! Não achaeides isto indecente?

EL-REI

— Bom, isso é uma forma de dizer... mas na realidade bem sabeides que ao homem é que compete dirigir.

D. BRIOLANJA

— A única coisa que o homem dirige é a pila e mesmo assim nem sempre!

EL-REI

— Senhora! Que desbragada linguagem usaeides! Acaso ensandecosteides?

D. BRIOLANJA

— E ficaide sabendo: tudo o mais é a mulher que faz. E por isso os infantes são feitos e criados nas nossas panças, e vós ficaides simplesmente à espera daquilo que nós, as donas, fizermos!

EL-REI

— O que é perfeitamente justo! Completado o nosso importante trabalho...

D. BRIOLANJA

— Ah sim? Pois ficaide sabendo que pela parte que vós diz respeito o vosso trabalho não rendeu lá grande coisa. E muitas e muitas vezes nós, as pobres donas, temos ainda que recorrer a ajuda de outros gentilhomens de boa vontade para completar as sinfonias incompletas de que vós tanto vos orgulhaides...

EL-REI

— Que oiço, senhora, que oiço? Acaso quereides dizer que a nossa filha...

ALDEGUNDES

— Mãe, que quereides dizer? Acaso pondes em dúvida o meu direito de sucessão ao trono?

D. BRIOLANJA

— Minha estremosa filha, não vos preocupeides. O vosso segredo ficará bem seguro. Mas ficar, se...

EL-REI

— Se... o quê?

D. BRIOLANJA

— Se vós vos deixardes dessas farroncas de machismo. Ficaide sabendo que dora avante não riscaeides. E para já...

EL-REI

— O quê?

D. BRIOLANJA

— Para já, se quizerdes calçar os vossos reais coturnos, pegaeides na real agulha e nos reais novelos de passar, e passaeide-os vós. E se quereides as tapeçarias da vossa estância remendadas, remendeide-as vós. E quando por serdes meio piscos perderdes a agulha, ninguém estranhará a vossa postura buscando-a no chão, que já vós valeu ser cognominado de mira-tapetes...



O que é preciso é uma pessoa compenetrar-se do dever. E onde é que está a dúvida, se serão poucos os que não devem seja o que for? !...

Trabalhar é honra, o trabalho dá saúde, o trabalho nobilita, o trabalho é fonte de riqueza, etc., etc., etc. Mas continua a haver muito quem ache tudo isto muito pouco... contra ter de dobrar a espinha!

Ninguém diga: desta água não beberei... sobretudo onde houver apenas uma Companhia das Águas!

Na antropofagia, há (ainda) os que comemos outros para matar a fome e, os outros, mais evoluídos que se, comem uns aos outros, dos modos mais diversos... até sem ser, propriamente, para encher a barriga!

É assim mesmo: uma pessoa, ou é, ou não é, aquilo que deve ser. Ser e não ser é que não é nada. Bem, muitas vezes...

Nos transportes públicos lisboetas, em certas carreiras onde a espera é sempre longa e o andamento a passo de boi... manso, o caminho mais curto entre dois pontos, é ir a pé, se não for muito longe. Por exemplo, já temos ido da Baixa à Graça (e vice-versa) sem que por nós passe qualquer "eléctrico"!

Se há mães que cantam com vontade de chorar, há pais que trabalham com vontade de mandar o trabalho à lava!

ARIM



Sem posições, sem peruca, sem qualquer tratamento - e contudo

**"Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"**

Interess? Fantástico? Não. Com azeite com o processo de enraizamento de cabelos Euracabe pode, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelos naturais como se ao tratar-se do seu próprio cabelo. Tal se consegue através de uma Múscula perfeita observada e aperfeiçoada durante anos. Os seus próprios cabelos deixam ter apenas uma coroa de cabelo não enraizada, inexistente e benévola. Não há qualquer tratamento, cuidadosamente escolhido. O cabelo é produzido de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos. zode.com



o processo de enraizamento de cabelos Euracabe e através de "fios" sucessivos, acrescentar mais e mais cabelos. Com o processo de enraizamento de cabelos Euracabe (processo de enraizamento) já utilizado em 9 países de Europa pode sentir-se seguro e relaxar, tomar duchas, lavar a cabeça, dormir, andar em carros abertos, usar pântalo - fazer tudo o que mais lhe agrada. Vinha já, mesmo sem nenhuma máscara, ou máscara. O cabelo, mais sempre para um cabelo novo e o cabelo da Euracabe. Rua Barão Sarmento, 31-37 - Lisboa - Tel. 35 64 82 Rua 14 de Setembro, 33-4 - São Paulo - Tel. 7871

**euracabe**

Instituto para Novos Cabelos  
Uma nova personalidade em quatro horas

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"